

O CONTO “A PELE NOVA DA MULHER VELHA” DE DANIEL MUNDURUKU E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS

DANIEL MUNDURUKU’S SHORT STORY “THE NEW SKIN OF THE OLD WOMAN” AND ITS ROLE IN THE DEVELOPMENT OF LITERARY READING

LANNA FONSECA DE
ARAÚJO OLIVEIRA¹

SYLVIA MARIA TRUSEN²

Resumo: Esta investigação consiste no recorte da dissertação de mestrado intitulada “Relações de alteridade e letramento literário no conto indígena brasileiro de Daniel Munduruku: a pele nova da mulher velha”. Objetiva-se, com o estudo, refletir sobre o letramento literário a partir da literatura ameríndia. Esta ainda é vista com olhar restritivo, apesar das políticas e leis que exigem a utilização de seus textos em sala de aula. Com a intenção de tornar estas narrativas conhecidas, bem como divulgar a sua cultura e identidades ameríndias, apresentamos a relevância da literatura de Daniel Munduruku e sua importância para a formação de leitores literários. Efetivamente, se toda prática de leitura deve levar o aluno à reflexão de que, ao ler, abrirá uma nova porta de conhecimento entre seu mundo e o mundo do outro, as literaturas dos povos originários constituem expressões artísticas particularmente importantes na direção pretendida. Por isso, a necessidade da incansável busca por encontrar esse caminho de escolhas literárias que formem leitores por meio de práticas de leitura que humanizam e transformam a mentalidade, as escolhas, as percepções de mundo e as atitudes no cotidiano. Para tanto, nos ancoramos nos estudos de Candido (2011), Munduruku (2004, 2021), Wapichana (2018), Cosson (2014), Lajolo (2001), entre outros autores que são basilares neste estudo.

Palavras-chave: leitores literários; Daniel Munduruku; literatura indígena.

Abstract: This research, an excerpt from the master’s dissertation entitled “Relations of alterity and literary literacy in the Brazilian indigenous tale of Daniel Munduruku: the new skin of the old woman”, aims to discuss literary literacy based on Amerindian literature. This, in turn, is still regarded with a restricted view even with policies and laws that require the use of its texts in classrooms. Based on the intention of making these narratives known, as well as their culture and identity, we present the relevance of Daniel Munduruku’s literature and its importance for the formation of literary readers. Thus, every reading practice must reach the point of leading the student to reflect that, by reading, he will be opening a new door of knowledge between his world and the world of the other. Hence the need for the tireless search to find this path of literary choices that form good readers through reading practices that humanize and transform the mentality, choices, perceptions and attitudes of everyday life. To this end, we rely on studies by Candido (2011), Munduruku (2004, 2021), Wapichana (2018), Cosson (2014), Lajolo (2001), among other authors who are fundamental in this study.

Keywords: literary readers; Daniel Munduruku; indigenous literature.

COMO CITAR: OLIVEIRA, Lanna Fonsêca de Araújo; TRUSEN, Sylvia Maria. O conto “A pele nova da mulher velha” de Daniel Munduruku e sua importância para a formação de leitores literários. **Boitatá**, Londrina, v. 20, n. 39, p. 1-11, jul./dez. 2025. ISSN 1980-4504. DOI: 10.5433/boitata.2025v20.e52431

¹ Mestra em Estudos Antrópicos da Amazônia (PPGEAA/UFPA). E-mail: lannafonseca12@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3922-5092>.

² Doutora em Letras (PUC-Rio). Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: sylviatrusen63@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4248-929X>.

INTRODUÇÃO

O ensino de literatura deve ser muito mais do que apenas trabalhar textos literários, comprovando memorização de partes fixas, ou de características de períodos literários estudados. No Ensino Médio, o ensino de literatura se limita, muitas vezes, à literatura brasileira, entendida tão somente como sucessão histórica de acontecimentos e fatos literários, sem que haja verdadeiro aprofundamento das leituras e das obras produzidas em cada período.

Isso não significa que devemos recusar os textos considerados modelares pela crítica, por considerá-los pouco atraentes ou desinteressantes para a juventude contemporânea. A reflexão, entretanto, deve incidir sobre como pensar e utilizar os textos pretensamente canônicos – vale dizer, é necessário refletir acerca das metodologias a serem utilizadas para inserir tais leituras em sala de aula. Logo, a mudança deve partir da prática empregada no ambiente escolar e na busca por levar os textos na íntegra, abrangendo várias possibilidades de análise.

Acerca disto, Cosson (2014) elucida que, muitas vezes, o conteúdo da disciplina de literatura se reduz a certos gêneros, tais como, canções populares, crônicas, filmes, seriados etc., focados no intento de facilitar a compreensão dos mesmos, bem como das fases literárias estudadas. Ainda a respeito da aplicação das novas tecnologias, tão buscadas visando a inovação e a descomplexificação da aprendizagem, termina-se por inibir a potencialidade guardada nos textos literários, sob o manto de entrega de facilitação disfarçada de inovação.

Com efeito, sustenta Burgos (2013)

[...] o tempo gasto na vida on-line vem causando, desde meados de 2008, algumas discussões e correntes contra a chamada hiperconexão ininterrupta, que vão da hipótese sobre a diferença do funcionamento do cérebro das pessoas que passam tempo em demasia na internet, descrita no livro *Geração Superficial* de Nicholas Carr (2010), passando pela “iDisorder”, de Larry Rosen (2012), que defende que a obsessão por gadgets causa transtornos psiquiátricos na população mundial.

Sendo assim, até que ponto utilizar da tecnologia para inovar a aula e ter uma metodologia atraente de modo que não prejudique o desenvolvimento cognitivo e, na verdade, não vicie a mente do aluno ao que é mais fácil e prático? Pois, de fato, o uso de telas, a facilidade visual, retardam a cognição da criança e do adolescente. Dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI.Br21 (2015) – “apontam que o nível de frequência de uso da internet por adolescentes para determinadas atividades, como a troca de mensagens instantâneas, por exemplo, é bem superior ao uso para pesquisas escolares” (Silva; Silva, 2017, p. 92-93). Logo, o uso diário da tecnologia, sobretudo da internet, é mais utilizado, pois atinge (75%), com a interação em redes sociais em (56%), via aplicativos de celulares e computadores, enquanto o uso de internet para pesquisas escolares atinge apenas 21%.

Segundo estudos mais recentes,

[...] atualmente, o Brasil é o terceiro país na quantidade de tempo gasto diariamente na internet, segundo dados do World Wide Web Foundation (2016). Além disso, o país é o segundo colocado em termos de tempo gasto por estudantes usando a internet fora do ambiente escolar (3,1 h/dia). Por exemplo, 26% desses estudantes permanecem conectados na internet mais do que 6 horas diárias, de acordo com a Organization for Economic Co-operation and Development (2017) (Andrade, 2023, p. 1-2).

O uso excessivo de internet pode levar à sua dependência, gerando vários problemas de saúde, dentre eles, problemas mentais em estudantes, segundo a pesquisa. É certo que todos nós estamos imersos neste mundo digital, no entanto, é imprescindível promover a busca pela disciplina, pela virtude da perseverança, no intuito de alcançar uma vida de leitura diária. Tal prática, de fato, é exigente, requer esforço físico e mental em meio às facilidades da vida tecnológica que nos geram muito mais prazer como, por exemplo, gastar tempo nas redes sociais, uma vez que tal atividade não nos exige esforço cognitivo e quando percebemos, gastamos horas que não voltam mais.

Nesse contexto de ofertas constantes de novidades e distrações costumeiras, não se estranha que o exercício da leitura não atraia os alunos. Uma das razões para a desprestígio da leitura do texto literário, que é mais complexa, face à sedução de entretenimento fácil no ambiente virtual, é que, como aponta Cosson (2014 p. 324), “a leitura é, de fato, um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário”. Com efeito, como salientou Geraldi (1997), há uma troca de sentidos, realizada pelo movimento, que envolve leitor e texto, e que é simultaneamente intra-inter-intra – ou seja, ele parte do texto para o leitor, e vice-versa. Desse modo, há um universo de compreensões e compartilhamentos entre a diferença constituída pela obra literária e a do leitor em relação ao texto lido.

Sendo assim, toda prática de leitura deve provocar o aluno a refletir e a situar-se face à singularidade do texto, conduzindo ao entendimento de que “ao ler estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro” (Cosson, 2014, p. 324). Por conseguinte, nota-se que se estabelece, ao menos potencialmente, uma relação de alteridade em cada prática de leitura que propomos a cada aluno. Por isso, outrossim, o sentido do texto transita nessa relação efetiva entre um e outro, atendendo à função humanizadora de “estar aberto à multiplicidade do mundo”, a qual a leitura pode, virtualmente, proporcionar. É, pois, nessa perspectiva, que sugerimos a adoção de literaturas provindas de povos originários, reconhecendo sua relevância para a formação de leitores atentos à formação plural das sociedades, sem, com isso, entretanto, menosprezar a importância das literaturas já estabelecidas pela crítica canônica.

A seguir, salientamos algumas proposições teóricas que sustentam a perspectiva adotada neste artigo.

Algumas fundamentações teóricas relevantes

Candido (2011, p. 179) afirma que “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção”. O autor remete este processo humanizador a uma sequência de tijolos que precisam de ordem para fundamentar uma obra e gerar segurança. Assim, também, é a leitura que ordena a nossa mente e nossa sensibilidade às circunstâncias que nos cercam no mundo. Antônio Cândido reitera que “o material da emoção e da experiência se transforma em objeto estético; e este move a sensibilidade do leitor” (Candido, 1999, p. 33). Além disso, afirma também que esse despertar sensível é

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na

medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante” (Candido, 1989, p. 117).

Ancorados nesta percepção de literatura que sensibiliza o leitor, apresentamos na literatura de Daniel Munduruku, o conto “A pele nova da mulher velha”, objeto de nossa reflexão. Munduruku (2004, p. 16) afirma que fazer a literatura indígena se tornar conhecida, é “dar possibilidade de externalizar o olhar indígena sobre si mesmo, sobre os ‘outros’ das ciências e sobre a sociedade brasileira, deixando que o outro seja”. Este conto, portanto, nos insere na dimensão da cultura ameríndia, possibilitando o conhecimento de uma tradição que nos eleva e nos coloca em contato com as múltiplas formações dos povos e culturas. Logo, proporciona o contato com termos da língua indígena, pois se trata de uma linguagem que “marca um tipo de literatura, de fato, porque ela tem uma linguagem própria, tem muita espiritualidade presente, você reconhece uma literatura que é escrita por um indígena” (Wapichana, 2018, p. 77).

A partir dessa intenção de tornar conhecidas as narrativas indígenas, e a cultura nativa, bem como sua identidade, Munduruku difundiu esta literatura para que alcançasse nosso ensino em sala de aula. Logo, “com essas literaturas, se conhece essa diversidade, e quem sabe a partir daí começam a ter um outro olhar, que as sociedades indígenas são um povo, uma nação indígena” (Wapichana, 2018, p. 76). Por isso a importância de termos escritores indígenas, pois não há ninguém melhor do que eles próprios para narrarem suas vivências, com sua própria linguagem, sua espiritualidade e tradição, de forma autêntica e real, com uma experiência concreta.

Para esta experiência sensível da literatura, o letramento literário possibilita, além de muitos aspectos, a percepção de que “o bom leitor agencia com os textos os sentidos do mundo, [...] uma vez que a leitura é um concerto de muitas vozes” (Cosson, 2014, p. 333-334). Dessa forma, há uma vastidão de possibilidades ao adentrar ao mundo literário.

Como toda arte, a literatura ilumina a escuridão da ignorância. Conforme postula Mariza Lajolo (2001, p.13), “discutir literatura é abrir os olhos e ouvidos”. Desse modo, o professor pode buscar condições de o aluno encontrar sentido na leitura. Para isso, ele, antes de tudo, deve ter encontrado esse caminho em suas escolhas literárias. Sendo assim, não basta ler para formar bons leitores e humanizados, porém, dar testemunho por meio de suas práticas, que a leitura humaniza e transforma a mentalidade, as escolhas, as percepções, as atitudes do cotidiano etc.

Fala-se muito sobre estratégias de leitura, sobre como atrair o leitor, a respeito de variadas metodologias que aprimorariam a aprendizagem. No entanto, são tentativas muitas vezes fracassadas, pois antes de tudo esquece-se que deve haver, primeiro, a vontade, o desejo do aluno em busca de disciplina e constância para que ele desperte e busque a perseverança nos estudos, na leitura.

A este respeito, Cosson (2014, p. 334) elucida que

[...] na escola, a leitura tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece, com nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

Por isso o incentivo à leitura, a partir da escola, deve ser planejado de maneira construtiva, com esta verdadeira intenção de formar bons e proficientes leitores, de modo

que não venha a ser uma prática obrigatória, feita apenas para cumprir currículo. Contudo, que seja para mudar o cenário, ainda que pequeno, mas que, com certeza, fará a diferença na vida e na prática social de cada aluno bem formado.

O uso dos cânones não é um problema em sala de aula e por esse motivo que compreendemos que

[...] tem razão os que afirmam que não se pode pensar em letramento literário abandonando-se o cânone, pois este traz preconceitos sim, mas também guarda parte da nossa identidade cultural e não há maneira de se atingir a maturidade de leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la (Cosson, 2014, p. 405).

A crítica é, portanto, sempre ao seu uso exclusivo nas práticas de leitura, de modo que se perde muito por não conhecer as leituras regionais ou as demais que apresentam a nossa cultura, nossa diversidade e identidade, ainda tão esquecidas em nosso repertório escolar. Muitas vezes a exigência é do próprio currículo nacional em que o professor precisava seguir o cânone, pois normalmente são obras que denunciam preconceitos de gênero, classe e etnia etc., como uma maneira de demonstrar que o papel da prática de literatura estava sendo cumprido só por tratar destes temas.

Por isso, conhecer as narrativas orais da literatura indígena é compreender que tais povos são

[...] detentores de um conhecimento ancestral apreendido pelos sons das palavras dos avôs, estes povos sempre priorizaram a fala, a palavra, a oralidade como instrumento de transmissão da tradição, obrigando as novas gerações a exercitarem a memória, guardiã das histórias vividas e criadas. A memória é, ao mesmo tempo, passado e presente, que se encontram para atualizar os repertórios e possibilitar novos sentidos, perpetuados em novos rituais, que, por sua vez, abrigarão elementos novos (Munduruku, 2018, p. 81).

Daniel Munduruku (2018, p. 83) postula, ainda, que o papel da literatura indígena é, portanto,

[...] ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral. Por essa razão, pensar a literatura indígena é pensar no movimento da memória para apreender as possibilidades de mover-se num tempo que a nega e que nega os povos que a afirmam.

Por isso, nossas escolhas como leitores também devem ser pautadas na insistência de fazer conhecer essas narrativas, e de abrirmo-nos a novas leituras, ampliando nosso gosto e curiosidade intelectuais. Pois, vale lembrar, tampouco fomos incentivados a ler tais obras, que trazem a nossa história e a nossa cultura. E as obras de escritores indígenas são também expressões artístico-literárias, e deveriam integrar aquele “conjunto de obras valorizadas como capital cultural de um país” (Cosson, 2014, p. 438).

Nas linhas a seguir, sugerimos uma proposta didática, voltada ao reconhecimento e valorização desse capital, que foi solapado ao longo da história de dominação cultural, na tradição literária brasileira.

Proposta de atividade de letramento literário

Quadro 1 – Motivação

Professor:

1. Questione aos alunos se eles já leram narrativas indígenas.
2. Se ainda não leram, apresente a importância de conhecer tais narrativas.
3. Motive-os acerca das histórias, alegorias e curiosidades que cada literatura indígena apresenta.
4. A partir desse questionamento, levante uma discussão de o porquê dessas narrativas não serem tão reconhecidas e trabalhadas em sala de aula.
5. Após as respostas e conversa acerca destas narrativas, pergunte sobre lendas folclóricas que eles conhecem, como conheceram, como eles pensam que elas chegaram até nós, se sempre houve livros escritos com essas narrativas ou se elas também foram passando de geração em geração, etc.
6. Após essa discussão em sala, solicite que realizem uma tarefa em casa: que pesquisem narrativas indígenas e levem na próxima aula, para compartilharem com a turma.

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Quadro 2 – Introdução

Professor:

1. Nessa fase introdutória, apresente o título da obra e o conto em questão, e levante hipóteses com os alunos acerca do que provavelmente a narrativa tratará.
2. Algumas questões podem ser introduzidas, como:
 - O que vocês imaginam que o texto trata a partir de seu título: “A pele nova da mulher velha”?
 - Como alguém pode ser novo se é velho em idade?

A partir destas perguntas e das respostas, a reflexão já pode ser gerada antecipadamente.

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Leitura

A pele nova da mulher velha

Em tempos muito antigos, contavam os avós *Nambikwara*¹, havia uma mulher muito velha. Alguns até diziam que ela chegava a ter mais de 165 anos de idade. Por ser assim tão velha, todo mundo havia se afastado dela. Dessa forma, a mulher vivia sozinha numa casa que ela mesma construiu usando a força de seus braços.

Um dia, a mulher dormiu na sua *sixsú*² e teve um sonho que a encheu de alegria e de vontade de viver: sonhou que havia voltado a ser nova. Em seu sonho ela estava lindíssima, toda enfeitada com colares, pulseiras, brincos; estava pintada com as cores do urucum e do jenipapo; até mesmo um cocar ela usava.

Apenas uma coisa a deixava um pouco triste: ela não conseguia encontrar penas para fazer um cocar.

Glossário

1 **Nambikwara**: Povo que habita o noroeste de Mato Grosso e o sul de Rondônia. Pertence a uma família linguística isolada, não filiada a nenhum tronco. É falante de três línguas distintas entre si e diversos dialetos. Vive de caça, pesca e coleta.

2 **Sixsú**: Casa.

Quando ela acordou, continuou achando que o sonho tinha sido uma mensagem que havia recebido do mundo dos espíritos e que ela podia voltar a ser mocinha. Mas tinha o problema das penas.

Como encontrá-las?

Foi então que ela descobriu que um rapaz de uma outra aldeia viria passar a noite em sua casa. Imaginou, assim, que seus problemas haviam sido resolvidos: ela pediria ao rapaz que fosse encontrar penas do pássaro tucano para si. E assim o fez.

Aquele rapaz, que também não gostava dela e sentia um certo receio da velha, não quis contrariá-la e foi para a mata atrás do pássaro.

Durante dois dias o jovem procurou, procurou, procurou, até encontrar o que lhe havia sido pedido. Flechou a ave e retornou à aldeia. A mulher, quando viu o moço chegando, deu pulos de alegria e ficou muito feliz. Ficou tão emocionada e contente que fez um monte de enfeites. Colocou-os todos, pintou-se com as tintas da floresta e foi ao rio banhar-se. Quando saiu dali, tirou sua pele velha como se fosse roupa! Voltou a ter apenas catorze anos de idade! Estava nova de novo! E muito bonita, também. Estava tão bonita e elegante que pensou:

“Agora posso até arrumar alguém para namorar! Nova desse jeito, ninguém vai mais me recusar!”

Pensando assim, saiu do rio e pendurou sua pele antiga sobre o galho de uma árvore. Estava tão cheia de si, orgulhosa com sua nova condição, que nem se deu conta de um grupo de meninos que por ela passou em direção ao rio. Quando lembrou, gritou de onde estava:

— Olhem aqui, meninos. Não vão mexer na roupa que eu deixei pendurada no galho da árvore. Pode ser muito perigosa para vocês!

As crianças, porém, não deram a mínima para o que aquela menina havia dito e, ao chegarem à beira do rio, viram aquela estranha peça pendurada. Não tiveram dúvidas: pensando que era um bicho ou algo assim, passaram a flechar a pele da velha. Eles flecharam e riam a valer. Fizeram tanto furo na pele que quase não sobrou nada.

A menina — que era a velha remoçada — desconfiou de tanta zombaria e foi ver o que estava acontecendo. Quando lá chegou, ficou desesperada com a desgraça que os meninos haviam feito em sua pele. Seu desespero foi tamanho que jurou a todos eles:

— Vocês fizeram algo muito ruim para mim. Por causa disso, todos vocês irão ficar velhinhos como eu e também irão morrer!

E assim aconteceu.

A mulher, sem mais chance de permanecer jovem, vestiu a pele toda furada e também ela morreu.

Vendo o que havia acontecido, ninguém quis ficar perto dela. Todos fugiram. Somente um ser da floresta ficou tomando conta do corpo da velha. Este ser foi a cobra que, por seu gesto bondoso, recebeu o dom de mudar de pele sempre que as estações do ano mudam (Munduruku, 2021).

Quadro 3 – Sugestões Pós-Leitura

Professor:

1. Após a leitura do texto proposto, pode solicitar que os alunos compartilhem a experiência de leitura com a turma, seja em grupo ou de modo individual.
2. Algumas questões podem ser levantadas, como: “*O texto correspondeu à expectativa a partir da leitura do título?*”
3. Além destas, outras questões podem ser levantadas a partir das respostas dos alunos e da interação deles, conforme a abertura à reflexão.

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Quadro 4 – Interpretação

Professor:

1. Esta fase da interpretação promove a interação dos alunos, o texto e o mundo que os cercam, pois além de uma interpretação mais interna, a interinterpretação externa também acontece e o que os alunos vivenciam ou conhecem sobre o que é social vai interreferir significativamente nesta etapa.
2. Por isso, sugerimos algumas atividades a serem realizadas, mas você, professor, pode acrescentar conforme a própria criatividade e necessidade.
 - Ao ler este conto, de quais outras narrativas orais você se recorda?
 - Qual a importância de ler esses textos?
 - O que podemos aprender com esses textos?
 - Como esse texto lhe faz ver o outro?
 - A transformação do personagem gera algo novo em você?
 - O que você mudaria em você, caso pudesse “trocar de pele”?
 - Você conhece pessoas idosas? Quem?
 - Qual a aparência das pessoas mais idosas?
 - A pele física delas faz referência ao tempo e a algum comportamento?
 - As pessoas idosas são importantes em sua vida?
 - Elas te ensinam algo?
 - Por que as pessoas envelhecem?
 - Você vai envelhecer?
 - Percebe que está envelhecendo?
 - Que reflexão podemos tirar do texto em questão?
 - O texto em questão nos torna mais sensíveis às questões humanas?
 - São apenas mudanças físicas que o texto nos propõe?
 - Em nossa vida, as mudanças são constantes?
 - Que relação de alteridade percebo no decorrer da minha vida em relações?

Estas são algumas perguntas que podem ser realizadas após a leitura do texto e compartilhadas com a turma, mas o professor pode ampliá-las a partir da interação estabelecida pelos alunos.

Fonte: elaborado pelas autoras, baseado em Cosson (2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de letramento literário com as narrativas indígenas propicia aos leitores em formação uma maior sensibilidade às alteridades humanas e à compreensão das contingências transformadoras da vida. Desse modo, o desafio é o de formar leitores cada vez mais conscientes de seu papel social nas construções axiológicas e valorativas que somente a leitura pode propiciar. E, consequentemente, se constituirão leitores responsáveis e éticos com as diferenças de culturas, crenças e com a tolerância, decorrentes da percepção de alteridade.

Por essa razão, a prática de literatura em sala de aula não deve ser apenas um cumprimento de currículo, no intuito de fazer o aluno decorar as escolas literárias e suas características. Ela deve ir além. Por isso necessita de um olhar sensível às diversas realidades em sala de aula, de modo que insira o aluno em uma perspectiva até então não vislumbrada. Isso o levará a refletir acerca do que ele leu, impelindo-o a dar uma resposta consciente para o mundo real.

A Literatura de Daniel Munduku contribui significativamente para esta prática de letramento literário, uma vez que ao inserir o aluno em suas narrativas, fornece muito mais que histórias contadas por povos antigos, mas adentra um universo até então desconhecido, que permeia raízes da própria existência. O conto “A pele nova da mulher velha” é um exemplo de que a sua leitura pode transformar a maneira de enxergar a própria realidade do aluno, levando-o a refletir acerca das mudanças que podem gerar em seu interior e intelecto por meio das próprias indagações que a vida produz.

O letramento literário é uma prática social, com responsabilidade da escola e “estudar literatura é algo tão complexo quanto resolver operações matemáticas” (Cosson, 2014, p. 433), pois não basta ler, isso qualquer pessoa alfabetizada o faz. A escola deve fazer muito mais; ensinar a explorar cada parte do texto que o letramento literário proporciona. Logo, a quantidade de textos lidos não significa qualidade de leitura e muito menos de criticidade e reflexão, pois este é um processo que exige esforço, dedicação e tempo.

A partir dessa reflexão, compreendemos o quanto a leitura vai muito além de combinar letras e sons. Ela é mais profunda que isso, pois permite enxergar, de forma muito específica, a sua função nas mais diversas maneiras de ler o mundo em cada uma de suas particularidades. Assim, conseguimos perceber o quanto as experiências humanas exigem um olhar interpretativo e reflexivo acerca do que se experiencia, pois elas permeiam as diversas áreas da vida com uma interpretação da própria história, da psicologia, da antropologia, da sociologia e da sociedade como um todo.

Logo, ao realizar a extração do sentido que há no texto por meio de seu significado, podemos dizer que houve leitura, porque houve a interação entre o leitor e o texto, e, portanto, a leitura tornou-se um ato social. Com as etapas de letramento literário propostas por Cosson (2014), poderemos alcançar uma melhor proficiência na leitura a partir da literatura ameríndia.

Nesse sentido, a obra de Daniel Munduruku é propícia para que o aluno saia da prática de apenas decodificação para a reflexão sensível de suas narrativas, fazendo-o adentrar a uma dimensão humana. Nesta ótica, vislumbramos uma prática de leitura proficiente que adentre tais textos, dando a oportunidade de fazê-los conhecidos em detrimento de outros já pré-selecionados nos livros didáticos.

Além da dimensão histórica, o conhecimento das narrativas dos povos originários fornecerá o processo de conquistas que ainda precisam ser alcançadas, de modo que tomemos ciência e posse de nossa própria história e identidade, oportunizando cada aluno a conhecer suas verdadeiras raízes e lutas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, André Luiz Monezi.; SCATENA Adriana.; BEDENDO André.; MACHADO Wagner de Lara.; OLIVEIRA Wanderlei Abadio.; LOPES Fernanda Machado.; DE MICHELI Denise. Uso excessivo de internet e smartphone e problemas emocionais em estudantes de psicologia e psicólogos. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 40, p. e210010, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202340e210010>.

BURGOS, Pedro. **Ficar um ano sem internet é um experimento que não prova muita coisa.** 2013. Disponível em: <http://oene.com.br/digital-detox>. Acesso em 05 dez. 2024.

CANDIDO, Antonio. **Direitos humanos e literatura.** In: FESTER, Antonio Carlos Ribeiro (org.). *Direitos humanos e...* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989. p. 107-26.

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula:** caderno de análise literária. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999. (Série fundamentos).

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: VÁRIOS escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula:** leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1997. p. 39-46.

LAJOLO, Marisa. **Literatura:** leitores & leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

MUNDURUKU, Daniel. Visões de ontem, hoje e amanhã: é hora de ler as palavras. In: POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara.** São Paulo: Global, 2004.

MUNDURUKU, Daniel. **Contos indígenas brasileiros.** São Paulo: Global Editora, 2021. Edição do Kindle.

MUNDURUKU. Daniel. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura: o reencontro da memória. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea:** criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiam Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009. Acesso em 05 dez. 2024.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC kids online Brasil 2014:** pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê Gestor da

Internet no Brasil, 2015. Disponível em: https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2014_livro_eletronico.pdf. Acesso em 05 dez. 2024.

WAPICHANA, Cristina. Por que escrevo? – relato de um escritor indígena. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

RECEBIDO EM: 06/03/2025 | ACEITO EM: 01/09/2025